

Com razão, mas com paixão

Claudio Abramo

O que faz um intelectual vibrar? Esta pergunta, aparentemente cretina, merecedora de uma resposta idem, cabe, se feita no Brasil, onde alguém que se considera ou é considerado um intelectual, como o sr. Josué Montello, por exemplo, chegou no paroxismo da segurança com desenvolvimento, AI-5 em riste, a dizer que o intelectual não deve envolver-se em questões políticas. Teria tomado Tolstoy pelo que não disse, e nem sequer pensou. O que o autor de "Guerra e Paz" teria afirmado, foi que a alguns escritores faltaria o necessário distanciamento para escrever como ele o fez. Na verdade, a maioria dos intelectuais brasileiros se envolveu em política, de uma forma ou de outra, ou servindo aos poderosos, ou transformando-se em óperas públicas, de usufruto do Estado, como Portinari, por exemplo, enquanto eram filiados em Partido Comunista, ou como Augusto Frederico Schmidt, conhecido poeta direitista. A crispação dos intelectuais se dá em ocasiões raras na História; deu-se, dizem-me, com Chopin, em relação ao seu país, a Polônia, mas sobre isso há pessoas mais autorizadas para falar. Os períodos de maior fecundidade intelectual da história moderna foram as décadas de 20 e 30, que viram surgir dezenas de poetas, escritores, panfletários, tímidos, ardorosos, fogosos, cerebrinos, católicos, socialistas, comunistas, desgarrados de seus países e de suas classes, remando no mar brumoso que separa as ilhas ideológicas, atônitos ainda com os suicídios de Essenine e Maiakovsky, na Rússia, hesitando entre a fidelidade a Outubro e a verificação penosa de que 17 passara como um vendaval, e depois do caos lírico, era necessário impor a ordem de ferro.

No Brasil, não sei. Mas um fato histórico que ficou atravessado nas gargantas da esquerda foi a guerra da Espanha; a do Vietnã, embora tenha mobilizado milhares de pessoas no mundo inteiro, ao lado dos guerrilheiros de pijama negro (o único vietcong de verdade que aparece na magnífica "Apocalypse Now" é a

jovem que lança a granada dentro do helicóptero e depois é abatida a tiros; e nada melhor do que essa menina, que conduzia outros meninos na aldeia limpa e ordenada, para simbolizar "o sagrado povo do Vietnã", como me dizia há dias um brasileiro ilustre) embora tenha mobilizado milhares de pessoas, prescindiu da colaboração física, direta, dos intelectuais; Ho Chi Minh dissera que a luta seria vencida militarmente e politicamente. Não fez, felizmente, a confusão que fizemos na Espanha; a propaganda, aos intelectuais; a luta, aos guerrilheiros. O historiador inglês R. Carr (não confundir com o outro) diz que na Espanha, os intelectuais, generosos no ardor idealista, se atiravam à luta de peito aberto, e eram dizimados pelos soldados de Franco. O que se pode dizer é que a guerra na Espanha provocou a imaginação e a solidariedade de homens como André Malraux, Ernest Hemingway, John Steinbeck, James Baldwin (ele mesmo; tinha 12 anos) Stephen Spender, Manes Sperber, George Orwell, Arthur Koestler, Gottfried Benn, Ernest Regel, T.S. Eliot, W.A. Auden — poderíamos ocupar toda esta página com nomes de homens que escreveram, morreram, foram feridos, amaram e foram amados, na quente e sensível terra de Espanha.

Deixaram talvez os intelectuais sem causas pelas quais possam se bater; ou a sua generosa lealdade e a sua leal imaginação encontrou substitutos mais numerosos e mais férteis: os estudantes, que no mundo inteiro se ergueram, há dez ou onze anos, tangidos por uma inspiração, automaticamente compreensível.

No Brasil, repito, não sei. Mas haverá algo, certamente, para fazer os intelectuais brasileiros se crisparem. Não é possível viver aparentando uma posição de olímpica sabedoria, com o distanciamento que Ezra Pound queria instalada, soberana, na cabeça de seus confrades (explica-se: ele, embora grande poeta, era fascista), não é possível viver assim e impune-mente.

Outro dia, o jornalista

Fernando Pedreira pedia aos brasileiros responsáveis um pouco de seriedade. Eu, ao contrário, embora também insista na seriedade, peço um pouco de paixão. É só com paixão que se escreve o "Ricardo 3.º", a "Divina Comédia", a "Odisséia", a "Guerra e Paz", "Os Possessos", "Madame Bovary", o "Waste Land", "O Capital". Só a inteligência atravessada pela paixão produz obras duradouras. O resto é exercício fátuo e fútil. Pois até uma boa reportagem exige uma gota de paixão. No fundo dessa altaneira distância da grande maioria dos intelectuais brasileiros eu enxergo, infelizmente, um vazio álgido e devastador. É preciso combatê-lo, esse vazio.

Os brasileiros esquecem tão facilmente as coisas ruins como as boas; como um véu escuro, a alienação faz esquecer o episódio do Hotel Glória, com Callado, Flávio Rangel, Paulo Francis, e outros; Mário Pedrosa, obrigado a exilar-se aos 71 anos de idade, algo que nem Franco pensaria fazer com um inimigo; a resistência surda, que explodiu no assassinato de Vlado Herzog, em São Paulo; Paulo Emílio Salles Gomes, defendendo, solitário e único, a imagem do líder estudantil José Dirceu, caluniado por uma vigarista; Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, Rocha Barros; Plínio Marcos, combatente difícil e também solitário, vendendo seus livros para sobreviver; Alberto Dines, insistindo naquele vocabulário misto de paixão e poesia; Mino Carta, denunciando em artigos torturas e abusos, e acudindo fisicamente amigos e desconhecidos, pagando um preço alto por isso. Não cito mais nomes, mas o Doi Codi os conhece. Dezenas, centenas de nomes devem estar faltando aqui, bem sei. Mas cito estes, de passagem, enquanto sobre os fatos e os gestos, os protestos, grandes e pequenos, perpassa o canto fúnebre de Geraldo Vandré e o grito de esperança renovada de Chico Buarque; cito-os pedindo a outros que completem a lista, com testemunhos, para que amanhã não se diga que os fatos foram diversos e que os personagens foram diferentes, como costuma acontecer neste país de Garabombos.

Folha de
Spaulo
6.1.80

80B4
Pt 151 & 14
80/01/06
Folha de São Paulo
L. p.